

Notas de Livros

BENGE, Ronald Charles. **Cultural crisis and libraries in the Third World**. Londres, C. Bingley, 1979, 255 p. ISM: ISBN: 085157 281 2.

Judith Rebeca Schelyer e Cristina Argenton Colonelli, na introdução do terceiro volume de «O Ensino da Biblioteconomia no Brasil», editado pela CAPES, lamentam (p. 14) a ausência de autores como Ramiz Galvão, Asheim, Buonacore e Benge na lista de leitura exigidas nos cursos de biblioteconomia brasileiros. Como antigo aluno desse último autor, posso testemunhar a sua eficiência como mestre estimulante, mas compreendo a sua ausência em tal lista.

Para o leitor lusofônico, o inglês da Inglaterra apresenta sempre maior dificuldade que o da América e a linguagem de Benge é particularmente difícil (como provou a minha experiência pessoal ao utilizar extratos dele em cursos de inglês funcional): a originalidade do pensamento e a maneira idiomática e idiossincrática da sua expressão combinam na criação de um estilo que dá ao aluno anglofônico refrescante estímulo a custo de muitas vezes confundir o estudioso brasileiro. Os livros de Benge pelos assuntos de que tratam e também por sua maneira de abordá-los, são pouco adequados aos cursos ortodoxos de biblioteconomia — no Brasil ou alhures.

Em seu livro «Libraries and cultural change» afirma que: A maioria dos cursos de biblioteconomia... inclinam-se a minúcias, seriedade, formalidade, excesso de boas intenções, falta de imaginação e uma profunda obtusidade... Nota-se que muitos alunos que sobrevivem a tais cursos, saem da... universidade quase inconscientes de que existem coisas neste mundo, ou no outro, além da biblioteconomia.» E é isso que ele ambiciona remediar.

Tal atitude encontra a sua explicação no caráter de um homem que, começando uma carreira convencional na seção de

referência de uma biblioteca pública londrina, sofreu cedo a interrupção de seus estudos por vários anos devido ao serviço militar prestado na África do Norte e na Itália (onde foi duas vezes condecorado); depois foi professor numa das escolas de Biblioteconomia criadas para atender às necessidades de soldados desmobilizados que desejassem ser bibliotecários. Foi como aluno de mestrado que o encontrei em 1956. Minha memória mais nítida de então é de sua completa desilusão da maneira tradicional do ensino de bibliografia enumerativa, quando tentava torná-la um pouco menos enfadonha ao narrar detalhes engraçados da vida privada dos autores de obras de referência. Lembro-me também do seu costume de nos convidar, alunos de mestrado, para encontrá-lo no fim das aulas no «pub» vizinho onde as discussões resultavam mais frutíferas que durante as aulas.

«Escreveu-se muito sobre o papel cultural dos cafés da Inglaterra do século XVIII, mas pouquíssimo sobre o dos «pubs», castigados pela literatura de biblioteconomia como alternativas indesejáveis às bibliotecas. Outros que abordaram esse assunto nunca consideraram os «pubs» como centros de informação. Talvez os bibliotecários missionários acreditassem que essa informação fosse inadequada». (p. 195)

Pesquisando as circunstâncias dos compiladores das obras de referência, Bengé enfatizou-me interesse na situação social, cultural e material em que tais obras são produzidas, tema abordado em 1959 no seu primeiro livro, «Bibliography and the provision of books», só editado (pela Association of Assistant Librarians) em 1963. Escrito no navio que o levava à ilha de Trinidad, nas Antilhas, para encarregar-se de uma pequena escola de biblioteconomia (e onde, por pura casualidade eu já trabalhava no serviço de bibliotecas públicas de Trinidad-Tobago). Depois dessa introdução a biblioteconomia do Terceiro Mundo, ele aceitou (em 1961) a oportunidade de implantar a primeira escola de biblioteconomia na África negra anglofônica, em Accra, capital da república recém-independente de Gana. Em seguida voltou à Europa, ao País de Gales, região do Reino Unido tão diferente da Inglaterra como (digamos) as terras andinas de língua quechua são dos arredores de Lima ou Quito onde lecionou na Escola Nacional de Biblioteconomia Galesa (CLW). Ainda mais interessado, em consequência, no ambiente cultural do bibliotecário, publicou em 1970 seu segundo livro, «Libraries and cultural change».

Agora está outra vez na África, dirigindo a escola de biblioteconomia da Universidade de Ibadan, na Nigéria, onde durante certo tempo foi professor, com ele, o meu colega Cavân MacCar-

thy que atualmente está lecionando na Paraíba. Seu último livro é o que ele mesmo chama uma espécie de sequência ao «Libraries and cultural change», mas orientado especificamente à situação do aluno de biblioteconomia no Terceiro Mundo. O resultado não é um texto que se encaixe nitidamente dentro de quaisquer das divisões convencionais do currículo de uma escola de biblioteconomia; por isso surpreender-me-á se o adotarem nas escolas brasileiras. Com efeito, somente após a página 191 é que Benge trata diretamente das bibliotecas!

Não obstante, o leitor inteligente achará que «Cultural crisis and libraries» poderá fornecer compreensão de base cultural e econômica essencial se o estudo da biblioteconomia aqui passa além do aprendizado mecânico da tecnologia anglo-americana: tecnologia a qual (nas vezes em que sua implantação não resulta definitivamente impossível) é frequentemente irrelevante ou inadequada à realidade brasileira, quando não faz danos reais.

O livro inicia-se com a teoria do desenvolvimento em que Benge coloca o marxismo ao avesso, sugerindo que em vez do processo econômico ser o determinador da classe dominante, é precisamente a classe dominante que determina a tecnologia a ser empregada. Então passa à sociologia e depois à educação com a formação técnica, a moralidade e a ideologia política. Segue-se ampla seção central sobre a comunicação, a informação e a editoração, onde insiste em que «o significado do conceito informação não se pode entender senão em referência à sua função social» (p. 191), advertindo que «a institucionalização do conhecimento resulta em que dependeremos de que outros produzam conhecimentos para nós, o que acabará numa paralisia da imaginação moral e política» (p. 193). Num dos delirios apartes espalhados por todo o livro ele previne:

«... nós não precisamos pressupor que toda comunicação é desejável. Isso é mencionado porque muita literatura sobre esse assunto considerou como óbvia a idéia de que todas as barreiras à comunicação plena deveriam ser removidas. Pode-se imaginar que é assim que deve ser o Paraíso, e não há dúvida que os anjos se entendem muito bem. Mas nós ainda não estamos no Paraíso e os arranjos terrestres podem exigir um certo grau de incomunicabilidade, o que qualquer pessoa bem casada sabe apreciar. A comunicação perfeita seria intolerável dentro do casamento, assim como na maioria das outras relações sociais e políticas » (p. 148).

Alguns outros apartes que não posso resistir à tentação de citar são:

As teorias de gerência são etnocêntricas: ao se aplicarem nos países em desenvolvimento servem somente para esconder as realidades sociais. (p. 214).

Para a maioria das pessoas, «desenvolvimento» quer dizer desenvolvimento para si próprias. (p. 127).

O erro consiste em começar com o plano, tratando as condições sociais como se fossem obstáculos (p. 225).

Finalmente, chegando à biblioteconomia, Benge enfatiza a importância do ser humano como indivíduo acima de toda tecnologia. A informação viva começará a circular, não ao instalarmos os computadores adequados, mas no momento da instalação de gente adequada nos pontos-chaves — e não meramente na rede de bibliotecas, mas por toda a sociedade (p. 204).

Sendo ele inglês, talvez sua atitude que assusta mais esteja em seus assaltos contínuos contra a chamada «objetividade» dos cientistas sociais anglo-americanos. Assim, depois de louvar as realizações da Sra. Joyce Robinson, diretora do «dinâmico» (palavra de Benge) Jamaica Library Service e da insistência em que o bibliotecário deva preocupar-se com os objetivos sociais além da biblioteca, ele critica-a por sua qualificação de que, sem embargo, os bibliotecários devessem preservar a neutralidade e a objetividade «tão querida da profissão». Podemos (reclama Benge) ficar neutros em face do analfabetismo, ou objetivos acerca de enfermidade? (p. 227)

A conclusão do livro (estou consciente de uma grande simplificação) é que o bibliotecário deve desempenhar as suas tarefas dentro das possibilidades da realidade atual: não papel heróico, ainda que seja honesto — mas sem ignorar essa realidade, nem fingir que seja diferente. Isto necessita que o aluno a entenda bem, o que exige do docente um ensino começado na implantação dos elementos sociais básicos da situação.

Claro que «desenvolvimento» é palavra de sentido relativo, e Benge naturalmente preocupa-se com a situação africana (ainda que inclua várias referências a países sulamericanos, incluindo o Brasil). Sem dúvida este livro apresenta para o bibliotecário brasileiro (seja aluno, professor ou praticante) que se dispuser a lê-lo, uma boa festa de coisas para pensar. Ainda que o inglês não seja do mais fácil, acredito que a sua leitura valerá a pena.

A minha única queixa é com o editor. Por que gastou dinheiro com capa dura, quando ao mesmo tempo poupa tostões na substituição de costura por cola?

(LAURENCE HALLEWELL; professor. Curso de mestrado em Biblioteconomia UFPB).